

Crisal¹

Cristiane Mendes Ferreira CLASER²

Amanda Miranda do PRADO³

Ana Clara Godoy HACKER⁴

Ana Sofia Vasques NASCIMENTO⁵

Bruno Alves Tomáz de MATTOS⁶

Gabriel Ávila COSTA⁷

Julia de Oliveira Santos PRADO⁸

Raphael Augusto Carbinatto DIAS⁹

Elissa Schpallir SILVA¹⁰

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

RESUMO

O propósito deste trabalho é relatar todo o processo de criação do roteiro literário do curta metragem “Crisal”, expondo inspirações e motivações, como também as técnicas utilizadas na construção do roteiro para curta metragem. Um trabalho desenvolvido para atender uma proposta interdisciplinar de Produção Ficcional e Comunicação e Cidadania, expondo o conflito do ser e sua existência, de sua aceitação perante uma sociedade sufocante, da qual as definições de gêneros são limitadas e impostas. Um roteiro com o objetivo de abordar de maneira lúdica por meio de figuras abstratas e simbólicas a transexualidade do ser em seu próprio universo – seu Eu.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania; transexualidade; sociedade, identificação de gênero

1 INTRODUÇÃO

"Crisal", um roteiro de ficção, foi um trabalho interdisciplinar em Comunicação e Cidadania e Produção Ficcional da turma de Cinema e Audiovisual da Universidade Metodista de Piracicaba, apresentado em 2014, na época no 4º semestre do curso.

A história trata do processo de aceitação da transexualidade. A única personagem nasce biologicamente homem, mas vai aos poucos se descobrindo com identidade de gênero

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de Ficção.

² Aluna líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: crismfclaser@hotmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: mandy.prado@icloud.com.

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: anaclara.gh@hotmail.com.

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: k-katie@hotmail.com.

⁶ Estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: brunoatmattos@gmail.com.

⁷ Estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: gabrielcostavila@gmail.com.

⁸ Estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: ju_santos_p@hotmail.com.

⁹ Estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: racovertime@gmail.com.

¹⁰ Orientadora do trabalho. Professor do Curso Cinema e Audiovisual, email: e.schpallir@gmail.com.

diferente da biológica, se identificando, portanto, com o gênero feminino. Ela passa por todas as fases desse processo: estranhamentos, dúvidas, julgamento da sociedade, preconceito dela própria, sentimento de manipulação e por fim aceitação, dando então espaço ao orgulho de ser quem é.

O roteiro de “Crisal” busca trazer ao espectador a reflexão sobre o tema da transexualidade através de analogias. Essas são feitas de forma lúdica quando são apresentadas, na história, referências obtidas como indivíduos que convivem em sociedade e, portanto, condicionados a certas definições pré-concebidas no que diz respeito à identidade de gênero. Para isso foram utilizados objetos de forma literal geralmente representados como objetos masculinos ou femininos, tratando-se do momento em que há primeiro o desconhecimento do sujeito sobre o que se passa com ele próprio até, posteriormente, a inquietação sobre ele ser quem é e expondo sutilmente a questão de que isso se inicia no começo da vida, com o sujeito ainda feto no útero da mãe.

O roteiro foi pensado de forma mais experimental, os espaços se alternam – ambiente preto e ambiente branco – referenciando os momentos da personagem, respectivamente, seu interior e sua relação com o mundo externo. Tudo muito sucinto e objetivo, sem perder a sensibilidade.

O texto “Tempo de Crisálida”, de Dulce Magalhães, foi inserido no roteiro um pouco depois dele ser escrito. Desde o início havia o objetivo de utilizar alguma poesia ou texto que fornecesse complemento a história à medida que tratasse de liberdade. A partir disso, foram feitas pesquisas relacionadas ao processo da lagarta que se torna borboleta, do ser saindo do casulo e então o texto “Tempo de Crisálida” se encaixou perfeitamente, sendo adequado à história nos momentos considerados importantes e dando origem ao título do curta-metragem.

A história surgiu desses próprios pensamentos acerca do tema e da definição de qual reflexão seria proposta ao espectador, ou seja, a concepção se deu a partir do fim: havia a certeza da mensagem a ser comunicada, o conceito estava claro e em seguida foram traçadas as linhas de narrativa e esmiuçados os detalhes.

O processo de pesquisa e criação se deu na medida em que a ideia foi tomando forma. Parte da pesquisa foi feita previamente: a que dizia respeito ao tema propriamente dito, pois ele exigia exata clareza de entendimento, uma vez que existem diversas denominações e classificações da transexualidade e suas ramificações. Algumas referências visuais também já existiam, contribuindo para, além de peso em termos de repertório,

inspiração para que fosse tratado de forma honesta um tema que, além de relevante, é de muita importância para o grupo. Apesar de se referir a documentários, o trecho do texto de Luiz Carlos Lucena, que está transcrito abaixo, reflete com exatidão a ideologia dos realizadores do projeto:

As ideias nascem portanto, de observações do nosso entorno, do acompanhamento de noticiários de TV, de leitura de jornais, que mostram pequenas histórias e personagens que podem ser trabalhados em vídeo. Essas ideias surgem como pensamentos casuais, que normalmente estão relacionados com nossa vontade de documentar alguma situação ou personagem. Na verdade, os melhores documentários são aqueles que nós queremos fazer. (LUCENA, 2012, p.32)

2 OBJETIVO

O roteiro, escrito durante a disciplina Comunicação e Cidadania, na época, 4º semestre do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Metodista de Piracicaba, foi feito com o intuito de explorar a auto identificação de gênero da transexual e mostrá-la desde o desenvolvimento do feto, passando pelas imposições sociais na adolescência, o sofrimento pelo preconceito da sociedade e, finalmente, sua consolidação na fase adulta.

A abordagem do roteiro também foi pensada de uma forma diferenciada do tradicional e *mainstream*, e mesmo seguindo a estrutura clássica da “Jornada do Herói” aprendida em sala de aula, a linguagem de “Crisal” se apresenta de forma poética e objetiva sendo informativa e transmite uma mensagem anti preconceito e de empoderamento da travesti e do transexual de maneira subjetiva e sensível, pois se achou necessária a julgar pelo tema complexo e pouco retratado em produções de massa.

O gênero do roteiro mistura-se ao dramático e fantasioso, que além de expressar de maneira coerente a subjetividade da obra, instiga o leitor a concluir a jornada da descoberta do gênero humano em um ambiente hostil em que nunca se sabe qual será o próximo estágio de “evolução” da personagem. É possível identificar a “fantasia” na descrição de cenários e ambientes que remetem ao “Caligarismo” de Fritz Lang, onde os ambientes surgem sempre em tom de sonho ou pesadelo.

Os pontos altos da narrativa dão-se pelos momentos de maior impacto dramático da personagem, que se depara com sua realidade e transpõe as barreiras que a oprimem. Em um modo geral o drama compõe a obra do início ao fim e torna o roteiro uma epopéia conceitual e artística que se permite mostrar, de maneira mesmo que figurada, o desenvolvimento de uma “lagarta” que deixa sua crisálida para se transformar em uma bela e livre “borboleta”.

3 JUSTIFICATIVA

O gênero drama mesclado à fantasia em "Crisal" advém de características presentes em vertentes cinematográficas como o Surrealismo de Jean Cocteau apoiado no "automatismo psíquico", conceito que define um jogo da mente e do subconsciente, representados nos ambientes opostos que compõem a narrativa e que indicam a racionalidade e a irracionalidade da personagem, respectivamente, na troca do ambiente claro para o escuro.

A crítica do roteiro é inspirada no Cinema Noir, pós-Segunda Guerra que delata o caos da realidade de forma subjetiva. No caso, a abordagem sobre a auto identificação de gênero utiliza-se de uma "máscara" abstrata e lúdica para cumprir com seu objetivo de informar o espectador sobre um tema relevante atualmente, a fim de levar até ele conhecimento e uma política anti preconceito, tão necessária para a aceitação das diferenças sociais e de um novo olhar para pessoas transexuais.

A comunidade T, de travestis e transexuais, além de receber pouca valorização e não representar a maioria dentro da parcela social LGBT, uma vez que quase não possui adeptos militantes que defendam a causa, sofre majoritariamente, em uma macro esfera social, o preconceito e o ódio de uma sociedade patriarcal e heteronormativa que tenta esconder e excluir determinados indivíduos do convívio do meio.

A cultura do preconceito, que é disseminada inconscientemente desde a infância com atitudes machistas, de desvalorização da mulher e de tudo que remeta à figura e as características femininas, coloca as pessoas transexuais às margens sociais, dentro da prostituição ou roubo, já que não recebem outras oportunidades. Isso quando o indivíduo, normalmente colocado para fora de casa sem a aceitação da família, não escolhe meios como o suicídio ou atitudes radicais para tentar solucionar o que é informado para ele como sendo seus "problemas".

Ceccarelli (2003) relaciona o sofrimento vivido pelo transexual ao sentimento de inadequação que experimenta em diferentes âmbitos:

O sofrimento psíquico do transexual encontra-se no sentimento de uma total inadequação entre, de um lado, a anatomia do sujeito e seu "sexo psicológico" e, de outro lado, este mesmo "sexo psicológico" e sua identidade civil. Essas pessoas, cuja identidade sexuada discorda da realidade anatômica, manifestam uma exigência compulsiva, imperativa e inflexível de "adequação do sexo", expressão utilizada pelos próprios

transexuais. “Minha sensação, disse um transexual, é de uma incompatibilidade entre o que sou anatomicamente e o que sinto ser”. O sentimento é o de possuir um corpo disforme, doente e monstruoso. Um tal sentimento pode chegar ao ponto de levar o sujeito à auto emasculação e até mesmo ao suicídio. (CECCARELLI, 2003, p.4)

É necessário um enfrentamento e para isso políticas de adoção do nome social e uma conscientização correta da sociedade precisam ser colocadas em prática dentro das esferas educacionais e midiáticas. Portanto, o roteiro do curta-metragem promove uma reflexão artística sob um fato social pertinente e importante para ser pensado e aprendido, uma vez que a valorização do ser humano é acima de tudo necessária para uma boa convivência e aceitação das diferenças presentes no atual cenário no qual vivemos.

Diferente de filmes com a temática semelhante, como "Transamérica" de Duncan Tucker (2005) e "Minha Vida em Cor de Rosa" de Alain Berliner (1997), que mostram situações cotidianas de transexuais - no primeiro uma mulher, já adulta que vive o drama da espera pela cirurgia de readequação sexual, e no segundo uma criança que começa descobrindo na infância, no convívio familiar, sua identidade no gênero feminino -, “Crisal” desde o início teve a intenção de provocar e instigar subjetivamente, com o estilo fílmico adotado, o espectador a sentir na pele o que um transexual em desenvolvimento desde o útero passa, desde a adolescência até a fase adulta onde a coragem transporia seu medo de assumir e reconhecer sua verdadeira identidade de gênero.

A finalidade de provocar esse sentimento no espectador é a busca pela transmissão de uma ideologia do bem e da utopia da aceitação das diferenças e do fim do preconceito. Para isso é necessário vivenciar o cotidiano e o desenvolvimento de um transexual.

O preconceito não é percebido como próprio, mas há um deslocamento do preconceito como algo que faz parte da realidade do ‘outro’, da sociedade. Isto indica um distanciamento em relação ao cotidiano do transexual, incidindo no fato de ser incipiente a definição da representação social. (SANTOS, SHIMIZU, MERCHAN-HAMANN, 2014, p.4552)

A filosofia retratada no roteiro visa colocar o espectador em questionamento sobre o cerne do ser humano, pensando em questões existencialistas e se colocando em dúvida sobre conceitos divinos e biológicos que, através de metáforas, promovem um discurso dogmático sobre o caos do criador e da criatura. A criatura é diferente dos demais e busca por sua identidade ou por algo que sente falta em seu próprio ser e parte em busca do conhecimento e das descobertas. Jornadas filosóficas e reflexivas como a de "Alice No País das Maravilhas" ou "Alice Através do Espelho", ambos de Lewis Carroll podem exemplificar o conceito do projeto.

“Quem é você?”, perguntou a Lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: “Eu — eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento — pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.” (CARROLL, 2002, p.41)

De L. Frank Baum, "O Mágico de Oz", também contribui para a interpretação narrativa, discursando sobre o questionamento do que era necessário para voltar para casa, que esteve com a personagem Dorothy o tempo todo. Também em “Crisal”, a escolha pela liberdade esteve ao alcance da personagem o tempo todo e também só dependeria da coragem do próprio indivíduo apropriar-se da tesoura e cortar os fios - o cordão umbilical social - que o prendiam como mais uma marionete que se adapta ao meio.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Para a realização do roteiro, que é do gênero literário, foram utilizados elementos assimilados durante as aulas de Comunicação e Cidadania, por exemplo, o estudo dos problemas comuns em nossa sociedade e como é possível uma intervenção através da arte. Foi aí que o tema da transexualidade veio à mente, pois comumente é testemunhada rejeição em relação ao transexual. Surgiu, assim, o desejo de colocar essa questão em pauta, trazer o assunto, debater, questionar e clamar por respeito, primeiro enquanto cidadãos, só depois como cineastas, pois não se buscava uma história para um roteiro qualquer. Doc Comparato (1995) ressalta a importância do roteiro:

O Roteiro é a forma escrita de qualquer audiovisual. É uma forma literária efêmera, pois só existe durante o tempo que leva para ser convertido em um produto audiovisual. No entanto, sem material escrito não se pode dizer nada, por isso um bom roteiro não é garantia de um bom filme, mas sem um roteiro não existe um bom filme. (COMPARATO, 1995, p.308)

Através da outra disciplina proponente do trabalho, Produção Ficcional, foi desenvolvida a abordagem do tema – mesclando tensão e conflito psicológico com elementos lúdicos e sensíveis. Foram também utilizados os conceitos de Estágios das Personagens – onde conhecemos suas fases, características, conflitos e resolução dos mesmos.

O tema foi o centro de tudo na história, conduzindo para que as situações surgissem de forma muito sincera. Sidney Pollack, no livro “Grandes Diretores de Cinema” de Laurent Tirard, explica:

O modo como funciona é o seguinte: tento determinar previamente o tema do filme, sua idéia central. E uma vez que sei qual é essa idéia, uma vez que a domino, todas as decisões que tomo ao longo do trabalho decorrem naturalmente dela, são inconscientemente influenciadas por ela. (TIRARD, 2006)

Jean-Claude Carrière define roteiro usando exatamente a principal figura de linguagem utilizada na narrativa de “Crisal” – a lagarta virando borboleta:

O roteiro representa um estado transitório, uma forma passageira destinada a desaparecer, como a larva ao se transformar em borboleta. Quando o filme existe, da larva resta apenas uma pele seca, de agora em diante inútil, estritamente condenada à poeira. (...) Pois o roteiro significa a primeira forma de um filme. E quanto mais o próprio filme estiver presente no texto escrito, incrustado, preciso, entrelaçado, pronto para o vôo como a borboleta, que já possui todos os órgãos e todas as cores sob a aparência de larva, mais a aliança secreta (...) entre o escrito e o filme terá chances de se mostrar forte e viva. (CARRIÈRE, 1991, p.58)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Crisal” narra a história de uma personagem transexual anônima que protagoniza a auto identificação de gênero através de etapas de crescimento físico e psicológico. Feito de forma experimental e atemporal, “Crisal” é roteirizado de forma sintética, mostrando a ascensão da personagem para a aceitação perante uma sociedade ainda beirada em estereótipos. Com divergência de cores, passando por duas variações de ambientes, sendo um escuro e o outro claro, de maneira que a sala negra reflita seu estado ambíguo de oprimido e a branca remeta à sua identidade social. Mostrando de forma subjetiva o conflito entre mente e corpo, imposição e aceitação, formando um efeito de ação e reação do início ao fim da trama.

- Sala Escura – Neste ambiente, é mostrado o interior da personagem, seus pensamentos e conflitos pessoais – mas ainda mesclando com as questões sociais trabalhadas no outro ambiente - onde ela passa por seus próprios questionamentos desde seu nascimento. Há o embate imaterial sobre o que ela realmente quer para seu corpo na tentativa de se identificar como indivíduo na sociedade, sendo sufocado e, até mesmo manipulado pelas imposições sociais. Sacos de lixo são introduzidos representando o sentimento presente a cada momento de

questionamento, mostrando que a batalha para a aceitação começa dentro de cada um.

- Sala Branca – Ainda havendo um conflito entre cidadão e sociedade, neste ambiente a personagem passará por suas transformações gradativamente, onde se exteriorizará, saindo do casulo de uma lagarta e transformando-se em borboleta, se descobrindo e identificando-se como gênero feminino. Com mais forte crítica à imposição da sociedade para com o indivíduo, a sala branca mostra como os estereótipos ainda são predominantes na atualidade; que o núcleo social molda o que deve ser posto a cada gênero e que deve haver uma ruptura nos padrões impostos, outrora que cada pessoa deve assumir sua identidade perante o mundo.

Para que o roteiro tivesse uma maior imersão no tema, foram introduzidas narrações em certos momentos da história, falas essas retiradas de trechos do texto “Tempo de Crisálida” de Dulce Magalhães, que fala do ser e o desenvolvimento da vida e suas escolhas pela liberdade.

Por falta de experimentação, o vocabulário das lagartas condena a experiência de crisálida. A resistência se organiza, a crítica se intensifica, mas o processo não pode mais ser interrompido. Uma vez que a lagarta comece a se transformar já não há mais volta. E é desse recolhimento, dessa auto imolação do passado que surgirá as condições para o desabrochar de uma nova experiência, mais ampla, mais rica, além de qualquer aspiração. (MAGALHÃES, 2005)

Não apenas tentando focar na questão social, o enredo mostra a forma como um ser se molda às imposições sofridas durante a vida, quebrando o papel e a barreira mental colocados ao decorrer de sua existência.

“Crisal” possui características do movimento Avant Garde dos anos 20 no que diz respeito à estrutura, até mesmo ideológica: ambos idealizam o inovador e o experimental e apresentam elementos do Formalismo, linha que usava muitas analogias, imagens oníricas, psicologia, ilusão e subjetividade. Um filme que apresenta tais características do Formalismo, para exemplificarmos, é “A Paixão de Joana D’Arc”, que também se assemelha à “Crisal” no que diz respeito ao peso da interpretação da atriz, ao minimalismo e espaço branco para representar incômodo.

6 CONSIDERAÇÕES

Um roteiro consideravelmente pretensioso, pelo simples fato de não seguir um modelo tradicional e, ainda tratando de questões deliberadamente delicadas e provocativas, sendo a intenção chegar a um público relativamente inerte ao tema, designado a levar ao menos uma base do entendimento e, até mesmo uma reflexão sobre a transexualidade. No processo de escrita, “Crisal” fora pensado em sua forma ficcional, e a execução foi bem sucedida diante do proposto e planejado no roteiro. Todo o trabalho permitiu que a equipe observasse o conteúdo das disciplinas estudadas de forma livre, o que foi importante para todo o processo. Também agregou além de conhecimento, um sentimento de que a missão fora cumprida, pois todos os envolvidos no projeto saíram satisfeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARRIÈRE, J. C.; BONITZER, P. **Práctica del guión cinematográfico**. Paris, Femis, 1991.
- CARROLL, L. **Alice no País das Maravilhas**. Petrópolis, Editora Arara Azul, 2002.
- CECCARELLI, P. R. **Transexualismo e Caminhos da Pulsão**. Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- LUCENA, L. C. **Como fazer documentários conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo, Summus, 2012.
- MAGALHÃES, D. **Tempo de Crisálida**. Disponível em: <<http://www.dulcemagalhase.com.br/artigos/13-2005/100-tempo-de-crisalida>> Acesso em: 6 maio 2015.
- SANTOS, A. B.; SHIMIZU, H. E.; MERCHAN-HAMMAN, E. **Processo de formação das representações sociais sobre transexualidade dos profissionais de saúde: possíveis caminhos para superação do preconceito**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014001104545&script=sci_arttext> Acesso em: 6 maio 2015.
- TIRARD, L. **Grandes Diretores de Cinema**. São Paulo, Ediouro, 2006.